



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
PÓLO UNIVERSITÁRIO DE TOMÉ-AÇU
GRADUAÇÃO-LICENCIATURA PLENA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

JUSIELE MIRANDA DOS SANTOS

INTERAÇÃO COMUNICATIVA DO SURDO NO AMBIENTE FAMILIAR

Tomé-Açu/ Pará

2018

JUSIELE MIRANDA DOS SANTOS

**A INTERAÇÃO COMUNICATIVA GESTUAL CASEIRA DO SURDO NO
AMBIENTE FAMILIAR**

Monografia apresentada a Universidade Federal do Pará- UFPA, como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Letras Língua Portuguesa, sob orientação da Dr^a Francisca Carvalho.

Tomé-Açu/Pará

2018

Jusiele Miranda Dos Santos

**Monografia apresentada como requisito necessário para obtenção do título de
Graduação em Letras Língua Portuguesa.**

Monografia apresentada em 21/05/2018

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Profa. Dr^a Francisca Carvalho

1º Examinador (a)

Prof. Me. José Orlando Ferreira de Miranda Júnior
(Membro -Campus de Cametá)

2º Examinador (a)

Profa. Ma. Rejane Santos Nonato
Membro - Campus de Abaetetuba)

Dedico ao meu esposo Roberto, pelo incentivo diante dos momentos de desânimo, aos meus três filhos, Yuri, Lays e Kalebe que compreenderam minhas ausências durante o período de aula. E em especial ao Kalebe, meu carinho de todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Todo esforço é válido quando você tem objetivos.

A honra e a glória é para o meu Deus, que tem sido a minha rocha, o meu refúgio e minha fortaleza. A minha fé me fez chegar até aqui, e tudo foi provido por Ele.

Aos meus colegas de turma, pelo companheirismo, em especial a minha amiga Michelle Sampaio, pessoa incrível que me acolheu em sua residência, e que por muitas vezes cuidou de mim em momentos, o qual me encontrava com problemas de saúde.

Aos meus professores da graduação, que se tornaram pessoas especiais na minha vida, mostrando que a relação aluno-professor, é extremamente necessário na construção do conhecimento cito: Dr^a Francisca Carvalho, obrigada pelo ser humano de alma grandiosa, que você é, instrumento nas mãos do Senhor.

E em especial a professora Suellem Bezerra, pessoa maravilhosa que tive a honra de conhecer, tornou-se minha amiga após ter ministrado duas disciplinas em nossa turma, e por muitas vezes me estendeu a mão, obrigada Sú.

Não poderia deixar de citar, a gestora da minha escola Professora Ilza Dantas, pois compreendeu minhas ausências no trabalho, dias de muito estudo.

E novamente coloco em evidência a minha querida professora e orientadora Francisca Carvalho, mulher iluminada com palavras de ânimo e força que se fez presente na minha vida de uma forma excepcional, relação de suma importância na construção deste trabalho e que se estende pós orientação TCC.

Aos participantes dessa pesquisa, que me receberam com muito carinho em suas casas.

A todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho

RESUMO

Identificamos, especialmente, a comunicação entre surdos e pais ouvintes que não dominam a língua de sinais. Especificamente, diferenciamos a língua de sinais dos gestos caseiros. Nesta perspectiva, questionamos como ocorre a comunicação entre os surdos e seus pais ouvintes. Pressupomos que a comunicação limitada ao uso de gestos caseiros poderia ser uma barreira para a interação do surdo com a família. Adotamos como base teórica Chomsky (1977) citado por Cezario e Martellota (2008) Strobel (2008); Santana (2007) e Veloso e Maia (2012). O material compôs 8 entrevistas subjetivas relatadas pelos familiares, gravadas em áudio. Adicionalmente, 6 imagens dos gestos caseiros dos surdos, filmadas por meio de uma câmera fotográfica. Assim sendo, participaram do estudo 04 famílias, composta por um familiar e uma pessoa surda, sendo seus respectivos filhos (as) surdas (as), totalizando 8 participantes. Realizamos a transcrição grafemática das entrevistas dos familiares do surdo. Adicionalmente, analisamos as imagens sinalizadas pelos surdos, comparando gestos caseiros e Libras. Os resultados apontaram que todas as famílias fazem uso do gesto caseiro para se comunicarem, assim, as relações tornam-se limitadas. Também mostraram que os surdos não entendiam as conversas de seus familiares ouvintes, posto que a comunicação se delimitou ao uso de gestos caseiros, devido os pais não dominarem a língua de sinais.

Palavras-chaves: Surdo; Linguagem; Família; Libras.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 01- Gesto caseiro: beber F.01.....	33
Foto 02- Gesto caseiro: beijar F.01.....	33
Foto 03- Gesto caseiro: frio F. 01.....	33
Foto 04- Gesto caseiro: chorar F. 01	33
Foto 05- Gesto caseiro: comer F.01.....	34
Foto 06- Gesto caseiro: casa F.01	34
Foto 07- Gesto caseiro: beber F.02.....	34
Foto 08- Gesto caseiro: beijar F.02.....	34
Foto 09- Gesto caseiro: frio F. 02.....	35
Foto 10- Gesto caseiro: chorar F. 02.....	35
Foto 11- Gesto caseiro: comer F.02.....	35
Foto 12- Gesto caseiro: casa F.02.....	35
Foto 13- Gesto caseiro: beber F.03.....	36
Foto 14- Gesto caseiro: beijar F.03.....	36
Foto 15- Gesto caseiro: frio F. 03.....	36
Foto 16- Gesto caseiro: chorar F. 03	36
Foto 17- Gesto caseiro: comer F.03.....	37
Foto 18- Gesto caseiro: casa F.03	37
Foto 19- Gesto caseiro: beber F.04.....	37
Foto 20- Gesto caseiro: beijar F.04.....	37
Foto 21- Gesto caseiro: frio F. 04.....	38
Foto 22- Gesto caseiro: chorar F. 04.....	38
Foto 23- Gesto caseiro: comer F.04.....	38
Foto 24- Gesto caseiro: casa F.04.....	38
Foto 25- Gesto caseiro: beber F.02.....	39

Foto 26- Sinal da libras: beber.....	39
Foto 27- Gesto caseiro beber F.04	40
Foto 28- Gesto caseiro beijar F.03.....	40
Foto 29- Sinal da libras: beijar	40
Foto 30- Gesto caseiro: frio F.04.....	41
Foto 31- Sinal da libras: frio.....	41
Foto 32- Gesto caseiro: frio F.03.....	42
Foto 33- Gesto caseiro: chorar F.04.....	42
Foto 34- Sinal da libras: chorar.....	42
Foto 35- Gesto caseiro: chorar F.03.....	43
Foto 36- Gesto caseiro: casa F.01	43
Foto 37- Sinal da libras: casa	43
Foto 38- Gesto caseiro: casa F.02.....	44
Foto 39- Gesto caseiro: comer F.03.....	44
Foto 40- Sinal da libras: comer	44
Foto 41- Gesto caseiro: feijão.....	45
Foto 42- Gesto caseiro: arroz	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: As 46 Configurações de mão	32
--	----

LISTA DE SIGLAS

LS.....	Língua de Sinais
---------	------------------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO	12
1. SURDEZ.....	13
1.1 BREVE HISTÓRICO DO SURDO NO BRASIL E EM TOMÉ-AÇU	13
1.1.1 SURDEZ E LINGUAGEM.....	15
1.1.2 IDENTIDADE SURDA.....	16
1.1.3 SURDEZ E FAMÍLIA.....	17
2.2 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM SOB A VISÃO INATISTA DE CHOMSKY	19
2.2.1 AQUISIÇÃO DA LIBRAS.....	20
2.2.2 AS SEMELHANÇAS E AS DIFERENÇAS ENTRE COMUNICAÇÃO GESTUAL CASEIRA E A LÍNGUA DE SINAIS.....	22
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DA PESQUISA.....	24
2.1 MATERIAL.....	24
2.2 PARTICIPANTES	24
2.3 INSTRUMENTO DA COLETA DE DADOS.....	24
2.4 LOCAL DA PESQUISA.....	25
2.5 TAREFA EXPERIMENTAL.....	25
2.6 ANÁLISE DOS DADOS.....	25
CAPÍTULO 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	32
3.1 DESCRIÇÕES DOS GESTOS CASEIROS REALIZADOS PELOS SURDOS	32
CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS.....	50
APÊNDICES.....	57

INTRODUÇÃO

Quando a surdez é diagnosticada, a família passa por um processo muito doloroso e conturbado, trazendo consigo os pré-construídos sobre o “ser surdo”: impossibilidade de falar, ser dependente, coitadinho, dificuldade de aprender, incapacidade etc. Os caminhos para a interação com o surdo, tornam-se obscuros, cheios de incertezas, afinal, como conversar com alguém que não usa a língua oral? Como quebrar as barreiras que impedem a comunicação?

Dentre as discussões realizadas por pesquisadores que apontam a melhor opção para a comunicação do surdo, está o oralismo, que propõe inserir o indivíduo surdo nas esferas ouvintistas, buscando assim a “normalidade” e a fala. Dessa forma, os avanços tecnológicos procuram dispor mecanismos para oferecer ao surdo a possibilidade de ouvir. A outra via, é o bilinguismo, que defende a língua de sinais como sendo a língua natural do surdo, colocando em evidência a existência de uma cultura específica obtida pela modalidade linguística em uso, a libras.

Aproximadamente 95% dos surdos são filhos de pais ouvintes que não dominam a língua de sinais, com isso surgem questionamentos sobre a relação de comunicação com a família, pois, segundo a teoria interacionista é no âmbito familiar que as competências linguísticas da criança recebem os estímulos e ocorre o processo de aprendizagem. Assim, as crianças surdas que convivem com famílias que fazem uso da linguagem oral podem estar privados da interação comunicativa familiar. Sabemos que a relação adulta criança no processo de aquisição da linguagem é de grande relevância nos atos de fala, contribuindo com os avanços nos primeiros estágios da linguagem formal. Neste sentido, compreende-se que o adulto assume um papel importante como interlocutor, linguisticamente falando e devem-se mostrar sensíveis as intenções comunicativas da criança.

A pesquisa pretende contribuir na compreensão do processo comunicativo gestual caseira do surdo no ambiente familiar; por isso, levantamos o seguinte questionamento: como ocorre a interação comunicativa do surdo no ambiente familiar? Pressupomos que a comunicação se limita ao uso de gestos caseiros. Assim sendo, compreendemos principalmente a interação comunicativa do surdo no ambiente familiar. Especificamente, apresentamos o relato de experiência de um familiar sobre a interação

comunicativa com o surdo no seu convívio doméstico; demonstrar a língua utilizada no ambiente familiar do surdo.

O aporte teórico que sustenta essa pesquisa baseia-se em Chomsky (1977) em. Strobel (2008) defende a existência da cultura surda, que precisa ser valorizada pela sociedade ouvinte e é de suma importância na construção da identidade surda. Santana (2007) discorre sobre os gestos na interação social. Já Veloso e Maia (2012) assegura a importância da Libras, sendo uma língua capaz de expressar várias ideias e sentimentos, comprovando a existência de uma língua completa, de modo que garante aos sujeitos surdos a valorização e o reconhecimento linguístico.

Outras pesquisas já foram realizadas, visando a relação de comunicação do surdo com a família, dentre elas, o artigo “*Mães Ouvintes com Filhos Surdos: Concepção de Surdez e Escolha da Modalidade de Linguagem*”, dos autores Paiva, Cunha e Zanolli (2007) os resultados referente a essa pesquisa mostraram que a concepção da mãe sobre surdez, influencia na escolha da modalidade de linguagem na interação com a criança surda, na investigação foram realizadas entrevistas com 10 mães, havendo resultado paralelo entre concepções clínicas terapêutica e sócio antropológica, leituras inferidas nas entrevistas pelos pesquisadores.

Este trabalho consta de 04 capítulos.

Capítulo 1: Base teórica que norteia a pesquisa

Capítulo 2: Metodologia

Capítulo 3: Resultados e Discussões

Capítulo 4: Considerações Finais

CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, trataremos do referencial teórico que norteiam este estudo, a saber: Surdez: dados históricos do surdo no Brasil e em Tomé-Açu; surdez e linguagem; identidade surda; surdez e família; aquisição da linguagem; as semelhanças e diferenças entre comunicação gestual caseira e a Libras;

1 SURDEZ

1.1 BREVE HISTÓRICO DO SURDO NO BRASIL E EM TOMÉ-AÇU

Os estudos históricos visam compreender as práticas culturais na formação da identidade do povo surdo, analisando as atribuições de significados que propuseram valores expansivos nos estudos atribuídos à área de surdez. Hall (2004) abordou em sua literatura algumas discussões da antiguidade sobre identidade surda, eis a seguir:

- Diante da visão iluminista que tinha como filosofia a perfeição do ser humano, os recém-nascidos que apresentavam imperfeições eram sacrificados, provavelmente muitas crianças surdas foram sujeitas a bárbaro destino.
- Acreditavam que esses sujeitos não poderiam receber educação, pois eram seres imperfeitos que não teriam condições de reter aprendizados e conviver com os ditos normais, então os sujeitos surdos eram excluídos da sociedade.

A partir do século XIX e XX surgiram os olhares sobre as exigências da normalidade, só são considerados falantes aqueles que produzem som, a existência de uma sociedade hegemônica onde todos devem ouvir e falar, e os indivíduos que estavam ausentes dessa realidade eram considerados como anormais, doentes, incapazes, passíveis de viverem isolados ou internados em clínicas para receberem tratamento. Essa realidade é apresentada no filme “E seu nome é Jonas” o personagem vive um conflito de identidade e por muito tempo é tratado em um hospital para pessoas com deficiência intelectual.

Atualmente, os sujeitos surdos buscam por representações culturais que difere a modalidade linguística da do ouvinte e que lhes possibilitam construir suas identidades, as muitas manifestações em busca de conquistas, lutas políticas por reconhecimento cultural.

Strobel (2008) relata o marco histórico para o surdo, adicionando a força de dois métodos de educação para surdos: a língua de sinais e o oralismo. No dia 11 de setembro de 1880 foi organizado por muitos especialistas ouvintistas, o congresso internacional de professores de surdos, em Milão, Itália, para discutir e avaliar a importância de dois métodos rivais: língua de sinais e o oral. “Houve uma votação e por 160 votos contra quatro ganhou o método oral na educação dos surdos” (Strobel 2008) então a língua de sinais foi proibida e os surdos foram submetidos ao ensino da prática oralista.

Realizamos entrevistas com uma profissional da área de educação, onde foi possível ouvir relatos sobre a história do surdo em Tomé-Açu. No ano de 1980, na cidade de Tomé-

Açu a educação para surdos era um fator desconhecido. Em 1992 a professora Maria¹ iniciou o ensino especializado em educação de surdos na escola Dr. Anthódio Barbosa. *“Foi uma fase difícil, a língua de sinais era pouco conhecida e sem valor linguístico”* Segundo ela, o que predominava para a educação de surdos era o oralismo, principalmente para aqueles que tinham resíduos auditivos, o professor tinha que valorizar a questão da audição, pois, existia a concepção de que o surdo deveria falar, para fazer parte da sociedade ouvinte.

Assim, no processo de alfabetização, os surdos eram submetidos a longas sessões de treino oral. *“Era realizado através do espelho, eu oralizava o nome do objeto e o aluno observava, logo depois ele fazia a repetição silábica do nome, enfim, eu apresentava o objeto ao surdo”*. É notório, a busca por meios em que levassem o sujeito com surdez a prática da oralidade, essas sessões eram extremamente cansativas, longas, e não possibilitava ao surdo o reconhecimento de diferença linguística.

Dessa forma eram vistos pela sociedade como pessoas incapazes, com limitações cognitivas que impediria o acesso ao conhecimento formal, a surdez era vista como uma patologia incurável e precisavam ficar à margem da sociedade, excluídos de uma vida social. De acordo com Skliar (1997) os surdos eram tidos como linguisticamente pobres, isolados, psicologicamente imaturos e agressivos. O autor coloca em discussão a visão que emergia a definição preconceituosa em relação ao surdo, esse diagnóstico era estabelecido pelos especialistas, como afirma Strobell (2008) “[...] era entregue aos especialistas a criança surda saudável, mas que se torna uma criança “deficiente” ao ser avaliada”.

Durante logo tempo a língua de sinais foi negada ao povo surdo, haviam discussões negativas com relação ao uso dessa língua, para os especialistas fonoaudiólogos a disseminação da libras diminuiria os tratamentos realizados por eles com os surdos. Afirmavam que uma criança exposta a mais de uma língua em sua infância poderia comprometer a aquisição/aprendizagem de uma das línguas, em função das interferências, trocas e mesclas linguísticas.

Após várias pesquisas de linguistas sobre a língua de sinais, as insatisfações dos surdos sobre às práticas filosóficas do oralismo, bem como as manifestações realizadas pelas comunidades surdas, reivindicando seus direitos de reconhecimento da língua de sinais, como passível de ser utilizada na educação e como valor cultural às crianças com surdez, foi reconhecida como meio legal de comunicação das comunidades surdas, por meio da Lei Federal nº 10.436, aprovada em 24 de abril de 2002.

¹ Nome fictício

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

Os avanços na educação de surdos no município, é um fator que vem sendo trabalhado constantemente, existe a escola referência onde os surdos têm acesso ao conhecimento formal, no entanto, a demanda de profissional especializado para o ensino da língua de sinais, ainda é pouco. A capacitação em Libras só foi possível após muita insistência por partes dos profissionais que atuavam na época, segundo a professora Maria, os passos na educação de surdos caminham lentamente. Ela é pioneira no município como professora na educação de surdos, e afirma que existem excelentes profissionais que podem dar continuidade, elaborando projetos itinerante, atuando em outras escolas como apoio na formação educacional do indivíduo surdo.

A comunidade surda segue na busca por reconhecimento linguístico, é visível os avanços, muitas pesquisas têm sido realizadas nessa área, grandes literaturas, eventos, discussões, e o dia Nacional do Surdo comemorado aos dias 26 de setembro, o dito, setembro azul. Durante esse evento as comunidades surdas se reúnem em congressos para abordarem assuntos referentes a educação dos surdos e as escolas bilíngues para o ensino da Libras. Segundo Quadros (1997), é por meio dos movimentos que os sujeitos surdos atuam politicamente para terem seus direitos linguísticos, tendo como fator principal à aglutinação da língua de sinais, pois é através dela que os surdos têm acesso a integração na sociedade ouvinte.

1.1.1 SURDEZ E LINGUAGEM

Strobel (2008) afirma que existem duas vias que discutem a concepção de surdez: a primeira, a visão clínica patológica que vê a surdez como passível de reversão, havendo possibilidades de cura, ou seja, o surdo é visto como portador de deficiência que precisa de intervenções cirúrgicas ou o uso de aparelhos auditivos, que darão condições ao sujeito de

viver como um ser ouvinte; a segunda, a sócio antropológica que figura a surdez como uma diferença que precisa ser respeitada e não eliminada, posto que os surdos pertencem a uma comunidade cultural com valores linguísticos, suas competências cognitivas não diferem do ser ouvinte.

A sociedade segue os conceitos da normalidade, de modo que aqueles que são “desviantes” precisam se adequar a regra geral, assim, essa discussão está relacionada com a cultura geral de uma sociedade ouvintista. Santana (2007) afirma que toda forma de preconceito, de discriminação e de comportamento humano está associado à cultura que os constrói, propaga, veicula e sedimenta. Vê a surdez como deficiência é trazer consigo valores culturais ideológicos descritos no comportamento do indivíduo, moldados pela sociedade, que caracteriza o ser “diferente” fora da média considerada normal, havendo discriminação e preconceito. Dessa forma, discutir a surdez como deficiência, é relacioná-la com olhares ideológicos que são descritos no comportamento do indivíduo.

As competências cognitivas linguísticas do surdo, devem ser estimuladas no processo de maturação cerebral, pois é evidente que a falta de audição não impede o indivíduo surdo de adquirir uma língua, pelo contrário, as percepções viso-espacial lhes dará condições de comunicação através da língua de sinais. Para os especialistas fonoaudiólogos, a fala dos surdos são resquícios da filosofia oralista, o qual causou sentimento de indignação, frustração e por muito tempo, deixou a cultura surda camuflada. Gesser p. 55 (2009) “A verdade é que o surdo fala em sua língua de sinais”. Esta afirmativa nos leva a refletir sobre os valores linguísticos que identifica o povo surdo, a sua percepção através da visão, a relação de comunicação que em nada lhe torna um ser inferior.

1.1.2 IDENTIDADE SURDA

A identidade cultural de um povo é determinada por seus costumes e valores, alicerçados no convívio social, identificados por meio de comportamentos que dão suporte para o reconhecimento de sua cultura, como as danças, pinturas, obras de artes, músicas, roupas, comidas típicas, bem como a linguagem. Segundo Strobel(2008)“A existência de uma cultura surda, ajuda a construir as identidades das pessoas surdas dentro da sociedade”. Em muitos casos a criança não tem a concepção de surdez, principalmente quando a família não sabe como agir diante da frustração de ter um filho com limitações auditivas, quais caminhos percorrerem, isso dificulta o reconhecimento da identidade surda.

Então as associações realizadas pela criança surda são feitas pela diferença nos atos comunicativos e não pela falta de audição, causando, assim, sentimentos de exclusão e dor; não havendo cumplicidade com alguém que possa promover uma relação que identifique a sua identidade. Assim, os valores culturais do surdo, as sensações e percepções obtidas pelo seu jeito de relacionar-se com o mundo e com sua linguagem, é através da relação viso gestual.

Nos relatos obtidos nas entrevistas deste trabalho, coletados no âmbito familiar dos entrevistados, o pai de um surdo de nome fictício Américo fez o seguinte comentário:

“Tem os meninos que conversam com ele em libras, tem os colegas dele surdo/mudo, eles vêm para cá para casa (agora que eles nunca mais vieram) às vezes eles chegavam aqui em casa, sentavam aí, traziam computador e ficavam conversando em Libras (eu ficava escorado na porta só olhando) aí quando dava certo eles comemoravam, era uma coisa muito divertida, aí quando dava certo eles batiam mão com mão (pá... fez o barulho com a boca) comemoravam aquela vitória”. (Entrevista para a pesquisadora, 2017).

No depoimento acima, observamos a alegria do surdo quando ele está inserido em um contexto que valoriza a sua modalidade linguística; a construção de sua identidade cultural que se dá por meio do uso da sua língua, é uma forma de expor o significado da relação de sentimento com os grupos semelhantes. Dessa forma, os surdos sentem-se libertos das práticas ouvintistas que inibe o seu crescimento intelectual e cultural.

Nas relações interpessoais entre surdos/surdos que usam a língua de sinais, surgem novas compreensões, construção de conhecimento, socialização. Nesse processo, as associações identificatórias sobre si, são acionadas, proporcionando ao indivíduo com surdez a amplitude de suas competências e valores dentro de uma sociedade que valoriza uma modalidade da língua em uso, diferente da sua.

1.1.3 SURDEZ E FAMÍLIA

A família é a base para a formação intelectual e moral do indivíduo. É através dela que a criança inicia os seus primeiros estágios na vida, tendo a relação familiar, como um fator primordial na sua formação. Assim, os pais projetam a existência dos filhos, visando às

crenças e valores que vieram se delineando ao longo da vida, dentro das exigências interpostas pela sociedade.

A partir desta óptica, quando uma criança nasce surda, os pais passam por situações conturbadas que assinalam um período longo e difícil (Batista e França. 2007). As famílias com filhos surdos sentem-se despreparadas para estabelecer uma relação de concepção do que é a surdez, quais caminhos percorrer, desconhecem esse mundo e como se comportar diante dele. Assim, os conflitos existentes na escolha da modalidade da língua para a interação entre o surdo e a família, levam os pais a recorrerem, em muitos casos, a recursos tecnológicos que poderá possibilitar o surdo de usar a modalidade linguística oral.

Há a busca por recursos que poderiam solucionar o problema da surdez, isso está atrelado às dificuldades de lidar com algo “diferente”, buscando compensar o sentimento de dor, decepção e distanciando a ideia de anormalidade, incompetência. Segundo Santana (2007) há um medo sobre o desconhecido, cuidar de uma criança surda torna-se algo misterioso que precisa ser desvendado e quando há essa relação conflituosa, os pais buscam opções de soluções.

Com os avanços tecnológicos, a ciência desenvolveu o implante coclear, tornando-se mais uma esperança de solucionar o problema da surdez. O implante é usado para recuperar sistemas auditivos em que os aparelhos comuns, já não são capazes de ajudar. Santana afirma que o implante coclear seria algo parecido a um ouvido biônico, diretamente implantada na cóclea, que estimula a audição por impulsos elétricos que codificam diretamente ao nervo auditivo.

Em muitos casos, as famílias consideram a surdez como uma deficiência, causando assim, limitações excessivas ao indivíduo surdo. Neste sentido, é importante ressaltar que os valores concebidos pela criança, estão em torno das significações que circulam em sua volta, dessa forma os estereótipos e preconceitos que circulam na sociedade podem ampliar a limitação auditiva do filho para uma limitação social e até comunicativa (Silvestre & Souza, 2007)

Estudos revelam que a escolha da modalidade da linguagem na interação familiar do surdo, tem como base a concepção de surdez, uma vez que a maioria desconhece as competências linguísticas do indivíduo surdo na modalidade visual, o que levará a família, priorizar a fala e a oralização, bem como os gestos caseiros que são criados no âmbito familiar. Desse modo, é perceptível as dissensões na escolha da linguagem, que podem gerar barreiras na relação comunicativa entre a família e o surdo, fazendo com que haja uma

limitação de relação, em muitos casos os surdos isolam-se. Strobel (2008) relata os sentimentos dos sujeitos surdos com a falta de comunicação:

Em muitas situações narradas pelo povo surdo, a maioria dos sujeitos surdos não acompanha o diálogo do dia-a-dia com seus parentes ouvintes durante as refeições, ou durante as programações na televisão e muitas vezes eles pedem aos parentes, pela pouca atenção, a explicação sobretudo. STROBEL (2008)

Se a língua de sinais estabelece uma relação entre o surdo e sua cultura viso-gestual, a exposição tardia a modalidade da língua de sinais, pode gerar “conflitos de identidade”, que segundo Hall (2004 p. 07) “*é vista como parte de um processo mais amplo de mudança*”. Portanto, a família é o principal elo onde a criança constitui as suas redes identificatórias de um ser que estará em formação para viver em sociedade. É no seio familiar que a criança se desenvolve e passa a sua maior parte do tempo. Assim, é necessário estabelecer um relacionamento afetivo, social e principalmente comunicativo, visando a amplitude na formação de sua identidade.

2. 2 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM SOB A VISÃO INATISTA DE CHOMSKY

De que forma a língua se comporta no cérebro da criança? Será que existe uma gramática internalizada? É preciso estímulo para desenvolver as competências linguísticas do indivíduo? Como produzimos e compreendemos frases que nunca foram proferidas? Como as crianças aprendem a falar de forma rápida? Cezario e Martellota (2008) cita Chomsky (1977)

[...] dizemos que a criança “aprende uma língua”, e não que a linguagem se desenvolve ou amadurece. Mas nunca dizemos que o embrião ou a criança aprende a ter braços em vez de asas, ou um aparelho visual determinado, ou órgãos sexuais maduros- este último exemplo representa um desenvolvimento que consideramos ser geneticamente determinado no que tem de essencial, muito embora só ocorra bem depois do nascimento.
(CHOMSKY, 1977; p.177)

Segundo o autor, existe uma gramática internalizada no cérebro do indivíduo, o qual comporta todas as informações inerentes a formação de uma língua e é responsável pela

rapidez com que as crianças aprendem a falar, dessa forma o indivíduo é provido de grandes informações linguísticas e não linguísticas. Para Chomsky, é coerente dizer que existe um fator genético que gerencia as percepções, sensações, que trazem informações sobre a capacidade de distinguir os sons da fala entre outros sons.

A teoria afirma, que existe um dispositivo munido de informações linguísticas e não linguísticas que nascem com o indivíduo, com isso a criança é capaz de apreender as complexidades existentes na língua, as interações sociais assumiriam o papel de estimular o desenvolvimento da gramática internalizada no processo de aquisição da linguagem.

2.2.1 AQUISIÇÃO DA LIBRAS

Seguindo a teoria de Chomsky (1977), citado por Cezario e Martellota (2008), a aquisição da linguagem é um processo universal, de modo que todas as crianças adquirem pelo menos uma língua seja oral ou manual, muito embora existam as complexidades das línguas naturais, até 03 anos de idade a criança se apropria de sua língua materna.

Segundo os estudos sobre a aquisição da linguagem na surdez, existe um período crítico onde o cérebro do indivíduo atinge a maturação cerebral, diminuindo a velocidade de aprender uma língua. Santana (2007) afirma que a rapidez no aprendizado de crianças, comparando a adultos, é devido o processo da maturação cerebral. Assim, quanto mais tardia a exposição ao convívio na interação sociocomunicativa, mais dificuldades o indivíduo terá de desenvolver o sistema linguístico, pois é necessário o estímulo para que haja a abundância e a riqueza do *input*, que deve estar acessível e disponível para a criança surda durante toda a infância.

No período da aquisição da linguagem, a maturação cerebral deve estar intacta, e isso acontece somente na infância, pois o cérebro está desabrochando e apto para captar informações com maior facilidade, o *input* recebe os estímulos e ocorre o processo de aprendizagem.

Estudos apontam que as crianças surdas que aprenderam a língua de sinais na infância, ou seja, em lares de pais surdos que dominam a língua de sinais, têm mais domínio no uso da libras, do que aquelas crianças que aprenderam após idade de 07 anos, essas crianças mostraram dificuldades em compreender mensagens em língua de sinais, não dominam as configurações de mão e apresentaram lentidão no processo de interpretação linguística.

Não devemos negligenciar a existência de surdos que aprenderam a língua de sinais durante a adolescência, nas escolas, em associações de surdos, em instituições religiosas, até mesmo por esforços próprios em querer aprender a língua de sinais, esse fator está associado as vivências particulares de cada surdo, as interações sociais. Assim, o sujeito pode aprender libras e aprimorar no convívio com outros surdos.

Partindo desse pressuposto, a indagação pertinente a essa pesquisa é motivada pelas condições em que o surdo tem acesso ao mundo, uma vez que a língua de sinais é a língua natural dos surdos, no entanto 90 a 95% das crianças que nascem surdas nascem em lares de ouvintes, (Guarinello e Lacerda2007). Veloso e Maia (2012) conceitua a LIBRAS da seguinte forma:

Reconhecida pela linguística, a LIBRAS teve sua origem na Língua de Sinais Francesa. É composta por todos os elementos pertinentes a língua às línguas orais, como a gramática, semântica, pragmática, sintaxe, entre outros, preenchendo os requisitos científicos para ser reconhecida como instrumento linguístico de poder e força. Possui todos os elementos classificatórios identificáveis de uma língua e demanda prática para seu aprendizado como qualquer outra língua.
(VELOSO; MAIA, 2012; p. 13)

Quando a criança surda está inserida em um ambiente familiar, onde a língua de sinais é a primeira língua, a aquisição da linguagem ocorre de forma natural, assim como a do ouvinte, as regras gramaticais da língua de sinais são apreendidas pela criança surda, de forma similar as línguas faladas. De acordo com os avanços nos estudos, verifica-se que a constituição da gramática da criança, independe das variações das línguas, segue a teoria de Chomsky, a língua é inata ao indivíduo.

Nos primeiros estágios da aquisição da língua de sinais, a criança surda por volta dos 14 meses produz gestos que diferem da língua de sinais, Quadros (1997) afirma que esse comportamento faz alusão aos balbucios produzidos pela criança ouvinte. Dessa forma, a criança surda assim como a ouvinte, aponta para os objetos, e olham fixos nos olhos dos pais.

Tal teoria é confirmada pelo Américo citado acima: *“Quando ele queria alguma coisa, e a gente não sabia o que era ele puxava até lá... e apontava para ele tocar a mão, primeiro ele olhava para a gente, pedindo permissão né?”* (Entrevista para a pesquisadora, 2017).

Quadros e Pizzio (2011) afirmam que é necessário observarmos o contexto das crianças surdas que nascem em lares onde a língua majoritária é a oral. As frustrações dos pais com relação à surdez do filho, a pouca informação sobre a cultura surda, a comunicação limitada a gestos e em alguns casos o oralismo são fatores que privam o surdo de sua língua natural.

Assim, as crianças com surdez filhos de pais ouvintes, que estão inseridos no contexto que privilegia a modalidade da língua oral, são privadas de informações pertinentes a sua língua natural durante o período de aquisição da linguagem, podendo apresentar problemas de ordem cognitiva, percepção e privação social.

2.2.2 AS SEMELHANÇAS E AS DIFERENÇAS ENTRE COMUNICAÇÃO GESTUAL CASEIRA E A LIBRAS

A Libras possui uma estrutura como: gramática, semântica, pragmática, sintaxe, entre outros. É reconhecida como língua natural dos surdos no Brasil, possuindo variações linguísticas inseridos em vários contextos, que são: as variações de uma região para a outra, no mesmo país; variações na configuração das mãos e/ou no movimento, que não modificam o sinal e; as mudanças históricas que ocorrem com o passar do tempo, sendo que alguns sinais podem sofrer alterações.

Alguns sinais são denominados icônicos, por exemplo: casa, borboleta, telefone, pois ao serem sinalizados fazem alusão ao seu significado real, como a reprodução de uma fotografia, havendo variações de acordo com a sociedade o qual está sendo usado. Os sinais arbitrários são aqueles que não têm semelhanças com a realidade que o representa, exemplo: conversar, depressa, pessoa. (STROBEL & FERNANDES, 1998)

No que concerne a estrutura gramatical da língua de sinais, ela é organizada a partir de alguns parâmetros que estruturam sua formação nos diferentes níveis linguísticos. São eles: Configuração de mão (CM) - posição da mão na realização do sinal; Orientação da palma da mão (O) indica que os sinais têm orientação e se houver inversão, mudará o sentido do sinal; Locação (L) - ponto em que o sinal é realizado em alguma parte do corpo; Movimento (M) - pode ou não estar presente nos sinais. (GESSER, 2009:).

É importante ressaltar as expressões não manuais que estão presentes na língua de sinais, ou seja, são as marcações faciais que atuam como formas sintáticas e componente lexical. Estas marcações podem ser realizadas através de uma pergunta, exclamação, afirmativa, negação, referência pronominal entre outros.

O termo sinal está associado ao signo linguístico, da mesma forma que as palavras da língua portuguesa, por isso, as variações são possíveis. As marcações nas expressões faciais têm funções extremamente importantes, pois procuram preencher a entonação de voz usada na oralidade. Santana (2007) afirma que a diferença básica entre uma língua oral

auditiva viso manual não é o uso do aparelho fonador/mãos no espaço, e sim a linearidade expressa na língua oral; e a simultaneidade, característica da língua de sinais.

Albares e Benassi (2015) conceitua a comunicação caseira como gestos limitados criados no âmbito familiar surdo/ouvinte que não dominam ou que não conhecem a língua de sinais. Esses gestos são extremamente mutáveis, pois estão de acordo com as vivências de cada indivíduo, uma vez que as realidades contextualizadas por cada surdo diferem uma das outras, levando em consideração a origem e costumes de cada família. No entanto, são gesticulações que não possuem reconhecimento em lei, como meio de comunicação dos surdos, não possui uma gramática, porém é usado por alguns sujeitos com surdez no âmbito familiar.

Os gestos fazem parte da linguagem humana, é peculiar das conversações, representa algo que é exposto através das articulações que podem ser: as mãos, corpo, e até mesmo as expressões faciais. A linguagem está acompanhada de sinalizações que por sua vez está carregado de significação, valores que devem ser entendidos pelo interlocutor. Santana (2007) discorre, afirmando que o sentido dos gestos é construído nas interações sociais, por isso, passível de várias interpretações.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DA PESQUISA

Os participantes dessa pesquisa foram 04 surdos e 04 familiares, totalizando em 08 pessoas. Inicialmente busquei encontrar essas famílias, através de contatos com amigos, vizinhos, que se propuseram a ajudar-me, e assim pude ir até as residências para obter o primeiro contato. Todas as famílias foram receptivas, expliquei em detalhes o estudo e coloquei em ênfase as documentações que deveriam ser assinadas autorizando a coleta de dados, fiz a leitura em voz alta dos seguintes documentos: Termo de consentimento livre e esclarecido dos participantes;² Declaração de consentimento;³ Termo de consentimento livre e esclarecido;⁴ Termo de consentimento de uso de imagem e voz⁵. Em seguida fui autorizada a iniciar a pesquisa, fato, que me levou a retornar com dia e horário marcado por eles, para iniciação das entrevistas e coleta das imagens.

² ANEXO A

³ ANEXO B

⁴ ANEXO C

⁵ ANEXO D

No retorno os pais explicaram aos filhos surdos por meio de gestos caseiros, o motivo pelo qual eu estava com eles, “*Ela estuda, e quer conversar com a gente*” disse um dos participantes. Assim iniciei as entrevistas, algumas foram bem longas, pois alguns entrevistados colocavam em detalhes suas conversas, e o surdo sempre ao lado observando as conversações.

Na coleta das imagens foi o momento em que os surdos interagiram comigo, sempre com a presença do participante familiar, eles compreenderam a tarefa e realizaram brilhantemente.

2.1 MATERIAL

O material compôs de entrevista oral realizadas na casa dos participantes surdos e sua família. Antes do depoimento, os participantes foram esclarecidos oralmente sobre a natureza da pesquisa e seus objetivos. Em seguida, assinaram a documentação necessária, consentindo a investigação. Assim sendo, o familiar pai/mãe responderam 07 (sete) perguntas subjetivas descritas na seção 3.2, abaixo. Após esta etapa, com base nos estudos realizados por Veloso & Maia (2012), demonstramos 06 imagens aos surdos, o qual eles representaram através de gestos caseiros. As imagens tratavam de quatro verbos que representam ação e podem estar presentes na vida do indivíduo, assim, seriam gestos compreensíveis de serem realizados, 01 substantivo, trata-se de moradia, gesto comum e 01 adjetivo, pois expressa sentimento, respectivamente: comer, beijar, chorar, beber, casa e frio, posteriormente, captamos os sinais em Libras das seis imagens supracitadas, sinalizada por uma estudante voluntária do curso de Língua de Sinais da Universidade Federal Rural da Amazônia.

2.2 PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 08 pessoas, sendo 04 surdos e 04 familiares destes, sendo todos moradores do município de Tomé-Açu Pará. Ressalta-se que 03 participantes surdos, público alvo desta pesquisa, eram estudantes do ensino fundamental e 01 do ensino médio, com idade entre 18 a 30 anos. Eles aprenderam Libras na escola, mas usam os gestos caseiros no âmbito familiar porque seus pais não sabem a Língua Brasileira de Sinais.

2.3 INSTRUMENTO DA COLETA DE DADOS

Conforme dito acima, elaboramos um questionário com 7 perguntas para o familiar dos surdos com o objetivo de conhecer história do sujeito com surdez e a modalidade da língua usada em seu contexto familiar e social, sendo que as respostas foram registradas em áudio por meio do gravador de celular. Adicionalmente, captamos 6 imagens dos gestos caseiros dos surdos por meio de uma câmera fotográfica.

2.4 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no âmbito familiar dos participantes, pois seria o local adequado onde as famílias pudessem ter comodidade e assim, relatar suas histórias.

2.5 TAREFA EXPERIMENTAL

Solicitamos aos familiares dos surdos que respondessem oralmente 7 (sete) perguntas descritas na seção 3.3 a sobre o convívio familiar com (a) seu (sua) filho (a) surdo (a). Já os surdos, pedimos para que eles realizassem os seguintes sinais caseiros: comer, beijar, chorar, beber, casa e frio.

2.6 ANÁLISE DE DADOS

Para análise dos dados, realizamos a transcrição grafemática das entrevistas do pai/mãe/responsável, objetivando compreender a relação de interação comunicativa entre o surdo e a família. Além disso, analisamos 06 imagens de gestos caseiros realizados pelo surdo, 04 verbos, 01 substantivos e 01 adjetivos, fundamentando a variação semântica em cada contexto familiar. Em seguida comparamos os sinais das imagens entre gestos caseiros e a Libras. As entrevistas das 04 famílias foram enumeradas da seguinte forma: F01, F02, F03, F04, que se refere a ordem das visitas realizadas nas quatro famílias, (F- Família).

CAPÍTULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos dados está assim organizada por família (F01, F02, F03, F04): 1) respostas das famílias; 2) descrição dos gestos caseiros realizados pelos surdos, grupo experimental deste estudo. Por fim, apresentaremos a 3) comparação entre gestos caseiros e Libras.

Questionário:

1. Como você descobriu a surdez do seu filho (a)?
2. Como era a relação de comunicação com seu filho (a), na fase inicial? Entre 01 a 05 anos?
3. Como você vê a surdez?
4. Você sabe libras?
5. Se tivesse um curso de libras para os pais aprenderem, facilitando assim a comunicação com os filhos (as) e com os amigos (as) surdos dos filhos (as), você interessaria em fazer?
6. E como é que vocês se comunicam?
7. Esses gestos foram criados para vocês se comunicarem, e como é no dia a dia, vocês conversam bastante com ele (a)?

Observou-se através das entrevistas, que os familiares estão imersos em um contexto linguístico que difere a modalidade da linguagem do surdo, uma vez que a língua de sinais é o elo que identifica a cultura surda. Dessa forma, foi possível compreender as limitações de comunicação provenientes das dissensões na escolha da modalidade da língua.

Essas dissensões estão em torno das dificuldades encontradas pelas famílias ao construir significados diante da realidade a qual estão vivenciando, há a obscuridade, o medo, o desespero e a pouca informação sobre surdez. Os pais carregam consigo a concepção de que o sujeito surdo é deficiente, frágil, incapaz, isso, torna um atraso na relação de comunicação, pois, a criança fica imersa a um ambiente totalmente confuso para ela. Outro fator, é a demora no diagnóstico, em muitos casos a família desconhece a surdez da criança, vejamos os relatos:

[...] eu achava que ela tinha a língua “pregada”, que ia demorar para falar [...] Só com três anos que descobrimos que ela era surda. Depois, eu fui mostrando as “coisas” para ela e dizendo o nome, eu não sabia como dizer em gesto o que era aquilo. Foi difícil. (F.02)

Foi muito trabalho que eu tive [...] eu fazia de tudo para ela não chorar, porque ela não escutava para ouvir se a gente estava agradando né, prometendo alguma coisa...foi muito difícil. (F.03)

São evidentes as dificuldades de comunicação em torno das relações dos pais com a família, o diagnóstico tardio, torna-se um empecilho na busca por atendimento especializado, isso afeta no processo de aquisição da linguagem. A teoria inatista afirma que a língua é inata ao homem, suas capacidades linguísticas nascem consigo e devem ser estimuladas no convívio social, é necessário dar condições para que haja o desenvolvimento da língua de modo espontâneo. No entanto, os pais desconhecem a competência linguística dos seus filhos e não propiciam a eles o convívio em comunidades que fazem uso da língua natural do surdo, alguns vão para a escola com a idade avançada, por causa da proteção de seus pais. A família não sabe a língua de sinais, assim, as crianças surdas não fazem uso no contexto familiar, daquela que seria a sua primeira língua, havendo privações de comunicação.

Nos estudos de linguagem e cognição da criança surda feitos por Goldfeld (2002) quando há privação nas relações sociais, principalmente no âmbito familiar, a criança surda sofre atraso de linguagem e bloqueio de comunicação. Nesse viés, podemos perceber que a linguagem é importante na construção do pensamento, do desenvolvimento cognitivo social e emocional, e na interação familiar. Os pais são os principais interlocutores dos seus filhos, é através dessa relação que há o compartilhamento dos seus valores e significados, formando, um elo essencial pela comunicação.

Partindo desse pressuposto, é importante ressaltarmos que a dificuldade na relação interativa leva o sujeito surdo a isolar-se ou até mesmo a obter sentimentos conflituosos e revoltantes, vejamos o relato a seguir do familiar 01: *“É muito difícil a gente conversar. Ele, ele aqui dentro de casa, “a modo” que está com uma revolta”* isso acontece, porque há a necessidade de conversar, de contar coisas, os acontecimentos na escola, as descobertas, os sonhos, as conquistas, é complicado para estas crianças surdas que não têm acesso as informações rotineiras pela barreira de comunicação.

Segundo Strobell (2008) em muitas situações os sujeitos surdos vivem alheios aos diálogos do dia a dia com a família, não acompanham as conversas durante as refeições, ou em momentos de lazer, e muitas vezes eles pedem atenção para entender o que está acontecendo em sua volta.

A limitação na interação, bem como as incompreensões nas tentativas de comunicação entre o surdo e a família é relatado a seguir, perguntamos aos entrevistados como era a relação no dia a dia:

“É muito difícil a gente conversar” (F.01)

“Converso, converso. Mas tem coisa que nem ela, nem eu entendo” (F.02)

Não, é pouco. Ela não gosta muito de conversar, só o necessário. (F.03)

É tranquilo, mas a conversa em gestos caseiros é pouca, ela não gosta muito não. Prefere conversar com os amigos surdos na igreja, ela até dá Palestra em Libras. (F.04)

Podemos analisar três quesitos importantes informadas nos relatos acima: a interação limitada suscetível ao diálogo necessário, as dificuldades de compreensão pelo uso da linguagem em modalidades diferentes e a apresentação da identidade surda relacionada pelo uso da língua de sinais. Esses fatores nos fazem entender que as conversações entre a família e o surdo, limitam-se devido as dificuldades de entendimento nos diálogos, os filhos preferem a língua de sinais, e os pais não têm domínio da mesma, dessa forma a interação com a família é limitada. A priorização ao uso da língua viso-gestual é uma porta aberta para o mundo dos surdos, a alegria é evidente nos encontros surdos/surdos, é o sentimento de pertencimento aos grupos semelhantes.

A concepção da família sobre surdez é um fator relevante, mostra-nos as influências negativas sofridas pelo surdo e os valores estereotipados pela sociedade, os quais, segundo Santana (2007), está associado a cultura que constrói, propaga, veicula e sedimenta.

Foi possível constatar que em três famílias, a surdez é vista como uma deficiência e dois familiares explicam a sua teoria.

Olha, a surdez ela é uma deficiência, inclusive ele recebe um benefício, através dessa surdez dele né? (F.01)

[...] é uma deficiência, porque a gente vai num canto, olha ela tem prioridade em certos lugares que a gente vai se for fazer um documento, ela tem prioridade, qualquer coisa. (F.02)

Com essa afirmação, é possível observar claramente a relação de deficiência com o benefício recebido do Governo Federal e a Prioridade nos locais de atendimento, reforçando os estereótipos moldados pela sociedade, que faz com que o pai tenha essa visão sobre surdez. Percebemos as influências que permeiam na atualidade, são resquícios deixados pelas histórias da antiguidade, a criança que nascia com qualquer deficiência era banida da sociedade, algumas eram jogadas do alto da montanha, mortas friamente.

Então, nos dias atuais alguns pais trazem consigo esses resquícios sobre a concepção de surdez, havendo reflexo na relação com o surdo, pois os familiares desconhecem suas competências linguísticas e atribuem ao filho a crença de “ser mudo”; lamentam por não poder conversar, interagir, e saber da vida de seu filho. Eis um relato:

“Eu não queria que ele tivesse essa deficiência, a gente se sente triste né? Ele não fala, não escuta, preciso de tal coisa... (fica em silêncio) Ele não é como nós, às vezes ele está com dor de cabeça, ele só faz o sinal que está com dor de cabeça, ele não sabe dizer. –Papai, estou com dor de cabeça. Eu me sinto triste de ver a situação dele (F01).

Em seu relato, o pai F01 atribui ao seu filho a identidade de um ser diferente que necessita de total cuidado e atenção por ser deficiente. Evidenciando as representações que tem de seu filho surdo.

Contrapondo os relatos acima, iremos apresentar a resposta da F.04 sobre concepção de surdez.

“Olha, eu acho que eles são exemplos para muitos, para os que falam e ouvem, são exemplos. Para mim mesmo são... eu fico é, muitas vezes tocada com a inteligência que eles têm, que um que fala e ouve não tem, há muito preconceito ainda”.

Esta mãe evidencia a representação que tem com relação ao indivíduo surdo, inferindo em seu discurso (..)“eles são exemplos”, a maestria com que lutam em uma sociedade dominada pela língua majoritária, quebrando preconceitos estereotipados pela cultura ouvinte, tornam-se exemplos, pois são pessoas capazes, munidos de percepções cognitivas que nada difere do ouvinte.

Essa concepção de surdez dá suporte para os avanços intelectual e social do surdo, uma vez que a sua relação com o mundo tem como base o apoio familiar, a surda da família 04 participa de uma comunidade religiosa e faz palestras em libras no mesmo local. Strobel (2008) afirma. “É importante que as famílias proporcionem aos seus filhos surdos o apreciar da companhia do povo surdo, a fim deles obterem bons conhecimentos da língua de sinais e da cultura”.

Goldfeld (2002) afirma que a língua de sinais seria a única língua que o surdo poderia dominar plenamente e que serviria para todas as suas necessidades de comunicação e cognitivas. Assim, seria necessário que as famílias pudessem ter acesso ao aprendizado da LS, já que são os principais interlocutores de seus filhos, e a comunicação prioritária para o surdo é em libras. Nesse viés, é importante ressaltar que as escolas poderiam intervir, de modo que

oferecessem a esses pais a possibilidade de estudar junto com seu filho surdo a língua de sinais, levando em consideração que a instituição de ensino formal é o ambiente que estende a relação interativa do sujeito com surdez.

Constatamos que os familiares não sabem a língua de sinais, muito embora, todos conheçam. O participante da F.03 afirmou não ter vontade de aprender libras, as famílias 01, 02 e 04, afirmaram que desejam aprender a língua de sinais, pois facilitaria a comunicação com seu filho e com os amigos surdos dos filhos, assim, todas as famílias fazem uso dos gestos caseiros para dialogar com o surdo.

Com base nesse contexto, colocamos em evidência a comunicação entre surdos e pais ouvintes que não dominam a língua de sinais, o qual, foi constatado que se dá através dos gestos caseiros. A necessidade de comunicação faz com que o homem busque meios de interação, e na fuga do isolamento social da ausência de língua, a criança surda usa gestos, icônicos e indicativos, a fim de comunicar-se com os ouvintes. Esses gestos são carregados de significação contextualizados por cada âmbito familiar, sendo um ato de comunicar-se de forma íntima com seus familiares, pois a compreensão desses gestos só é peculiar aos que estão inseridos em seu convívio.

É por esta razão que a relação comunicativa se torna limitada, levando o sujeito surdo a isolar-se dentro do âmbito familiar, pois esse recurso linguístico não supre as representações e informações que proporcione a amplitude de conhecimentos de mundo, que contribua para o avanço intelectual do sujeito com surdez. Dessa forma, há a priorização em estar na companhia de pessoas que utilizem a mesma modalidade linguística.

A interpretação dos gestos caseiros é um fator importante nessa discussão, constatamos que há dificuldades na construção de significados nas gesticulações, na família 02 a mãe relata: *“Eu não sabia como dizer em gesto o que era aquilo. Foi difícil.”* Segundo a entrevistada, ela buscava ensinar os significados dos objetos para a criança surda, no entanto, ela encontrava dificuldades de atribuir sentido aos objetos através de gesticulações. Isso ocorre, talvez porque a significação seja construída de forma idiossincrática, a visão que descreve o objeto traz consigo percepções e sensações particulares daquilo que se vê, assim, existe uma característica única de interpretado e não de intérprete, isso possibilita a vastidão de significados, ou seja, haverá um mal-entendido na construção do sentido.

Outro relato realizado pela família 02 confirma as dificuldades na construção de sentido dos gestos caseiros. [...] *nem tudo ela entende, as vezes eu tenho que explicar várias vezes até ela entender. [...] tem coisa que nem ela, nem eu entendo.*

Nesse viés, compreende-se que devido ao fato necessário de se ter uma relação comunicativa, o familiar e o surdo procuram utilizar os gestos caseiros, visando a interação entre eles, só que, existem lacunas que fazem com que essa relação seja limitada, pois esses gestos não ocupam o lugar de uma língua, são simbolismos icônicos e indicativos que fazem alusão subjetiva de objetos e situações. A mãe busca entendimento para interpretar os gestos por meio do conhecimento que compartilha com a criança, mas nem sempre o que é dito iconicamente coincide com o que a mãe consegue interpretar, da mesma forma em que o surdo na posição de interlocutor terá dificuldades na interpretação.

Na família 03, a mãe relata que a filha entende os gestos que ela faz quando é necessário ausentar-se de casa, vejamos o relato:

“[...] se eu sair de casa, se eu fizer o sinal para ela, ela entende, eu faço o gesto para ela olhar as minhas coisas, para ela trancar a casa, tudo isso ela entende. Aí se a senhora chegar e perguntar de mim, ela sabe dizer para onde é que eu estou, para onde eu não estou. Cada pessoa da família ela criou um gesto para dizer quem é, e todo mundo sabe aqui. “

Podemos compreender que a significação das gesticulações está atribuída ao convívio familiar, essas interações evidenciam a emergência de comunicação, em que o surdo e a família buscam sentido de compreensão para as conversações dialógicas através dos gestos, pois, há a necessidade de interagir mesmo que haja limitações. Quando a mãe diz que existe um gesto que caracteriza os familiares, é a figuração subjetiva que o surdo faz de cada indivíduo, geralmente marcada por características particulares de cada sujeito, assim, quando necessário o surdo aciona essa característica para falar sobre o familiar.


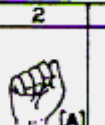
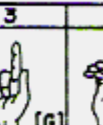
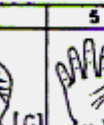
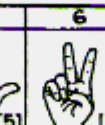
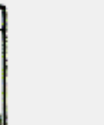


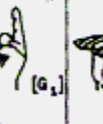

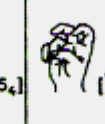
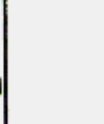



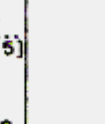
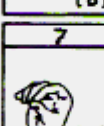
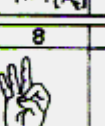
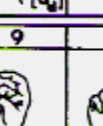
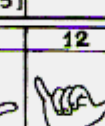



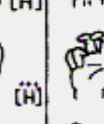
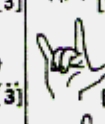

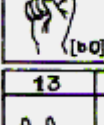
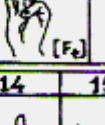
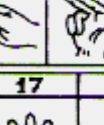
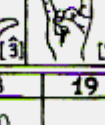






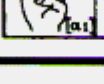
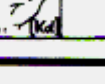
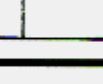
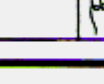
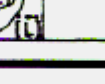
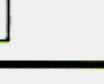




Quando a mãe e o filho atribuem sentido aos gestos, esse ganha um estatuto diferenciado, pois trará significados tanto para a criança que o faz, quanto para o interlocutor que o interpreta. Santana (2007) afirma que nesse processo haverá um “acordo” quanto ao sentido do gesto e, a partir daí a significação é “convencionalizada”. A interpretação dos gestos se dá pelo outro, o sujeito interlocutor, sendo passível de criação de novos gestos, esse processo faz parte da interação dialógica. Compreende-se que o contexto social e o uso da linguagem propiciam o sentido dos gestos compartilhado por duas ou mais pessoas, porém, não haverá significação para todos os léxicos usados, e as dissenções na construção de sentido, bem como os significados que são construídos de modo restrito ao convívio familiar, são fatores que fazem dos gestos caseiros um recurso linguístico limitado.

3.1 DESCRIÇÕES DOS GESTOS CASEIROS REALIZADOS PELOS SURDOS

Na busca por interação no âmbito familiar, os surdos e suas famílias fazem uso dos gestos caseiros, são meios que visam a compreensão nas relações interpessoais, mas não proporcionam aos sujeitos a comunicação total, devido as diferentes interpretações. Santana (2008) afirma que quando uma criança imita, ela escolhe a parte do corpo, os movimentos e os ritmos que usará. Assim, é colocado em evidência a sua personalidade, as suas percepções sobre a figura a qual interpreta. Com isso os gestos são afetados pela interpretabilidade do interlocutor, pois fará a realização dos significados com base nas suas escolhas subjetivas.

As descrições abaixo serão realizadas por família, colocaremos em evidência os seguintes pontos: Configuração de mão; Ponto de Articulação e Movimento e a representação icônica, que pode ou não estar presente na criação dos gestos. As configurações de mão descritas abaixo serão referenciadas pela tabela com suas respectivas numerações.

A tabela abaixo descreve as 46 configurações de mão segundo Ferreira (1995).

1  [B]	2  [A]	3  [G]	4  [C]	5  [S]	6  [V]
 [B̃]	 [Ā]	 [G ₁]	 [Ĉ]	 [S ₁]	 [Ṽ]
 [B ₁]	 [A ₁]	 [G ₂]		 [S̃]	
 [B̄]	 [A ₂]	 [G ₃]		 [S̄]	
7  [O]	8  [F]	9  [X]	10  [H]	11  [3]	12  [Y]
 [Ô]	 [F ₁]		 [H̄]	 [3̄]	 [Ȳ]
 [bO]	 [F ₂]		 [H̄ ₁]	 [3̄ ₁]	 [Ȳ ₁]
13  [a]	14  [k]	15  [l]	16  [r]	17  [w]	18  [L]
 [a ₁]	 [k ₁]				 [L̄]
					 [E]

(FERREIRA BRITO, 1995, p.22)

3.1.1 F01

Foto 01 - gesto caseiro beber

Fonte: (Santos, 2017)

Foto 02 - gesto caseiro beijar

Fonte: (Santos, 2017)

Foto 03 - sinal caseiro frio

Fonte: (Santos, 2017)

Foto 04 - sinal caseiro chorar

Fonte: (Santos, 2017)

Os gestos caseiros acima foram realizados pelo surdo da família 01. Na foto 01 o participante usa a CM apresentada pelo nº 2 da tabela que representa o alfabeto manual, foto 02 CM nº 1, foto 03 CM nº 5 e Foto 04 CM nº 2. Na foto 01 o surdo faz o gesto usando apenas uma mão, as demais são realizadas com as duas mãos, apenas o gesto da foto 03 não possui movimento, pois representa um estado do corpo, com isso o surdo expressa esse sentimento de frio, apoiando as duas mãos sobre os ombros e encolhendo-os. Todos os gestos fazem alusão ao sentido real, por isso são icônicos.

Foto 05 -sinal caseiro *comer*

Fonte: (Santos,2017)

Foto 06 – sinal caseiro *casa*

Fonte: (Santos, 2017)

Na foto 05 o surdo utiliza a CM em nº 2 e na 06 nº 1 apenas o gesto que representa casa não há movimentos, o surdo usa as pontas dos dedos como lugar de articulação, que desenha o formato do telhado, observa-se a iconicidade nesse gesto, havendo facilidades na compreensão pelo interlocutor, pois é um gesto comum. Na foto 05 que representa a ação de comer, o surdo usa o movimento da boca para dá sentido ao gesto, fazendo assim, os movimentos de mastigação.

3.1.2 F02

Foto 07 -gesto caseiro *beber*

Fonte: Santos (2018)

Foto 08 - gesto caseiro *beijar*

Fonte: Santos (2018)

Foto 09 –gesto caseiro *frio***Fonte:** Santos (2018)**Foto: 10-** gesto caseiro *chorar***Fonte:** Santos (2018)

Ao realizar o gesto beber, a surda aproxima o dedo polegar da boca na CM n°2, representando a ação de beber. Na imagem 09 a surda faz o gesto caseiro frio e na 10 chorar, ambos realizados pelas duas mãos com a CM n° 2 representada pela tabela. Nas fotos: 07 a CM n° 2 e na foto 08 CM n° 7 referenciada na tabela acima. A surda movimenta as mãos, especificamente no gesto caseiro que representa o verbo chorar, ela usa como local de articulação, a proximidade dos olhos, que representa as lágrimas que caem ao chorar. São gestos icônicos pois retratam o sentido real.

Foto: 11- gestos caseiro *comer***Fonte:** Santos (2018)**Foto: 12 -** gesto caseiro *casa***Fonte:** Santos (2018)

Nas imagens 11 e 12, os gestos são realizados usando as duas mãos com CM de nº 5 e nº 3, a palma da mão aberta representa o prato e a direita realiza o movimento, esse gesto reflete a alusão da colher em direção a boca, figurando o ato de comer. Na foto 12 que representa casa a orientação é horizontal e o ponto de articulação é o dedo indicador da mão esquerda CM nº 3 na tabela.

3.1.3 F03

Foto: 13-gesto caseiro beber



Fonte: Santos (2018)

Foto: 14-gesto caseiro beijar



Fonte: Santos (2018)

Foto: 15- gesto caseiro frio



Fonte: Santos (2018)

Foto: 16- gesto caseiro chorar



Fonte: Santos (2018)

Ao realizar os gestos frio e chorar, a surda fez uso das duas mãos com a CM nº 1, e nas fotos 13 e 14 ela usa apenas uma mão. A CM na foto 13 é a de nº 2 e na 14 a CM é nº 7. Não há movimentos, e são gestos icônicos. Os pontos de articulação usados nas gesticulações

são: Beber- dedo polegar próximo a boca, representa a ação que figura a existência de um copo ao bebermos algo. Beijar- ponto dos dedos encostados na boca, representando o beijo. Dormir- as duas mãos juntas que se encostam ao rosto, assumindo a posição de modo curvado, representa o ato de “ir dormir”, deitar-se sobre a cama, uso do travesseiro. Chorar- a surda faz uso das duas mãos que cobrem os olhos, na sua criação subjetiva, entende-se que expõe sentimentos de tristezas, dor, isolamento.

Foto: 17- gesto caseiro *comer*



Fonte: Santos (2018)

Foto 18- gesto caseiro *casa*



Fonte: Santos (2018)

Nas fotos 17 e 18- a participante faz os gestos comer e casa com a CM nº 1. Na imagem 17 realiza-se movimento, e o ponto de articulação é próxima a boca, é um gesto icônico, pois representa o ato de comer. O gesto da imagem 18 é realizado pelas duas mãos, tendo com o ponto de articulação as pontas dos dedos, representando o telhado da casa.

3.1.4 F04

Foto: 19- gesto caseiro *beber*



Fonte: Santos (2018)

Foto: 20- gesto caseiro *beijar*



Fonte: Santos (2018)

Foto: 21-gesto caseiro *frio***Fonte:** Santos (2018)**Foto: 22-** gesto caseiro *chorar***Fonte:** Santos (2018)**Foto: 23-** gesto caseiro *comer***Fonte:** Santos (2018)**Foto: 24-** gesto caseiro *casa***Fonte:** Santos (2018)

A surda acima faz parte da família 04, as configurações de mão usadas em cada gesto são as seguintes: beber – nº 7, beijar e chorar nº 4, frio, comer e casa em nº 1. O gesto caseiro casa e frio não é realizado com movimento, a surda faz uso dos dois braços entrelaçados entre si, que expressa o estado de frio. Os gestos das fotos 20, 22 e 23 são realizados por meio de movimentos, no gesto beijar a surda faz uso das duas mãos, e as pontas dos dedos se tocam, fazem alusão ao ato de beijar, realizado por duas pessoas. Ao realizar a gesticulação beber, ela inclina a cabeça e abre a boca, referenciando a ação praticada. É notório as marcações faciais realizadas por essa surda, que dão ênfase a cada gesto realizado.

3.2 COMPARAÇÃO ENTRE OS SINAIS CASEIROS E LIBRAS

Com base nesse contexto colocaremos em evidência as discussões referentes a língua de sinais, segundo Veloso & Maia (2012) ela possui todos os elementos linguísticos que a torna uma língua eficiente, propiciando ao locutor e interlocutor uma relação dialógica compreensível, é a língua natural das pessoas surdas. Sua estrutura gramatical é composta por parâmetros que estruturam sua formação nos diferentes níveis linguísticos, que são: Configuração da (s) mão (s) (CM), o Movimento (M) e o Ponto de Articulação, segundo Ferreira (1995) são 46 as configurações de mão da Libras conforme apresentado no quadro acima, para as análises usaremos uma imagem de cada família, pois já foi apresentado nos resultados todos os dados coletados. Colocaremos em ênfase os gestos caseiros que diferem da LS. Os surdos participantes dessa pesquisa, fizeram os gestos caseiros e a partir destes, faremos as comparações.

Foto: 25– gesto caseiro *beber*



Fonte: Santos (2018)

Foto: 26- sinal da Libras *beber*



Fonte: Santos (2018)

O Gesto caseiro realizado pela surda F.02 foi feito usando a mão direita, na configuração de mão em A representado na tabela acima, e o ponto de articulação é a boca, é acompanhado de movimento retilíneo direcionado para trás até que se complete o toque. As semelhanças com a Libras são visíveis em todo o processo do sinal. Verifica-se que o gesto caseiro do verbo “beber” tem as mesmas sinalizações e fazem referência a ação de beber algo. Como apresentado acima nos resultados, somente na família 04 que houve uma variação gestual.

Foto:27- gesto caseiro *beber*. À direita o movimento realizado ao fazer o gesto



Fonte: Santos (2018)

Fonte: Santos (2018)

Para esta surda o gesto caseiro “beber” é realizado com a configuração de mão em representada pelo nº 6, o ponto de articulação é a boca, realizando movimento reto. A percepção em relação ao sentido do verbo, o ato de comer que figura a realização do gesto, difere da língua de sinais

Foto: 28 - gesto caseiro *beijar*



Fonte: Santos (2018)

Foto: 29 - sinal da Libras *beijar*



Fonte: Santos (2018)

A surda acima fez uso da mão direita para realizar o gesto caseiro do verbo “beijar”, com a CM nº 4, o ponto de articulação são os lábios, não há movimento neste gesto, é realizado iconicamente, pois representa para a surda a subjetividade do ato de beijar. Diferentemente temos o sinal em libras do verbo “beijar” é realizado com as duas mãos, com

a configuração que representa a letra “A” as duas mãos se tocam nas pontas dos dedos, há a realização de movimento retilíneo que representa duas pessoas praticando a ação de beijar.

Veja que o gesto caseiro e o sinal da LIBRAS são diferentes, analisando a criação do gesto realizado pela surda, é possível compreendermos que para ela o ato de beijar relaciona-se em sua percepção com a boca, pois é o meio pelo qual é realizado a ação.

Foto:30- gesto caseiro *frio*



Fonte: Santos (2018)

Foto: 31- sinal da Libras *frio*



Fonte: Santos (2018)

A palavra *frio* é realizada através de gesto caseiro pela surda, a qual faz uso dos braços entrelaçados encostados no corpo, esse gesto é acompanhado de movimento realizado por todo o corpo, que dá sentido de arrepio. A marcação facial é muito presente na realização desse gesto, reforçando a sensação de frio. Constatamos que nas famílias 01 e 02 os surdos fazem uso do mesmo gesto para identificar a palavra *frio*.

Contrapondo, observamos ao lado direito o sinal em Libras do léxico *Frio*, é realizado com a mão direita na CM nº 2 e o queixo é o ponto de articulação. Em ênfase o gesto caseiro realizado pela surda da família 03:

Foto: 32- gesto caseiro *frio*



Fonte: Santos (2018)

Para a surda F03 o gesto caseiro que representa *frio* é realizado com as palmas das duas mãos, que são apoiadas ao lado do rosto, é interessante que esse gesto pode ser entendido como o ato de dormir, nas leituras das inferências, é possível que a surda em sua percepção tenha atrelado o sentido do gesto caseiro dormir, com o sentir frio.

Foto:33- gesto caseiro *chorar*



Fonte: Santos (2018)

Foto: 34- sinal da Libras *chorar*



Fonte: Santos (2018)

A foto à esquerda retrata o gesto caseiro do verbo “chorar” realizado pela surda da família 04. É realizado pelas duas mãos, com a configuração de mão que representa a letra

“A” referenciada pelo nº 2 na tabela, tem como ponto de articulação a face, movimentando-se para baixo. É possível percebermos a expressão facial da surda ao realizar o gesto, indica expressão de tristeza. À direita temos o sinal em libras do verbo “chorar”, representado pela configuração de mão de nº 3, esse sinal pode ser realizado com as duas mãos ou apenas com uma, como mostrado na foto. Há a realização de movimentos realizado pelo dedo indicador para baixo, que dá sentido as lágrimas caindo e a expressão facial que acompanha o sinal é a de tristeza ou do ato de chorar.

Podemos observar semelhanças entre o gesto caseiro e a libras, em relação ao movimento, o ponto de articulação e o sentido dos movimentos. Constatamos que apenas na família 03, houve diferença na realização dos gestos, vejamos:

Foto:35- gesto caseiro *chorar*



Fonte: Santos (2018)

A surda da F.04 realiza o gesto caseiro do verbo chorar, usando as duas mãos que tapam os olhos, essa representação pode indicar estado de tristeza, isolamento, dor.

Foto: 36 - gesto caseiro *casa* **Foto: 37-** sinal da Libras *casa*



Fonte: Santos (2017)



Fonte: Santos (2018)

A palavra *casa* é realizada por meio da configuração de mão em nº 1, para tal é utilizado as duas mãos, que se tocam com as pontas dos dedos. Esse substantivo é extremamente icônico, pois faz alusão ao telhado da casa. Observa-se que o gesto e o sinal em libras são idênticos, e apenas na família 02 a surda fez gesto caseiro casa, totalmente diferente dos demais. Vejamos:

Foto: 38- gesto caseiro *casa*



Fonte: Santos (2018)

A participante surda usa a mão direita para realizar o sinal caseiro casa, na configuração de mão que representa o nº 3 descrito na tabela acima, na orientação horizontal e o ponto de articulação é o dedo indicador da mão esquerda. A referência a esse gesto pode remeter a estética da estrutura da casa, por exemplo: O esteio que sustenta o telhado, essa alusão referenciada pela surda é icônica.

Foto:39 - gesto caseiro *comer*



Fonte: Santos (2018)

Foto: 40- sinal da Libras *comer*



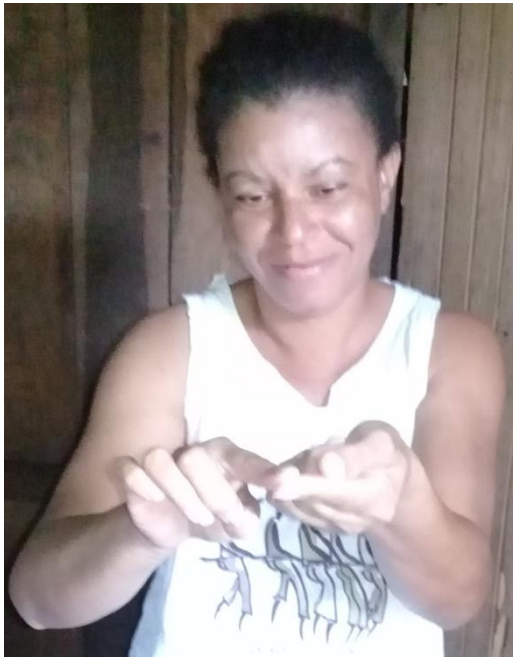
Fonte: Santos (2018)

Quanto ao sinal caseiro da expressão “comer” a configuração de mão é referente a letra “B” no alfabeto manual, o movimento com as pontas dos dedos é para baixo e para cima, o ponto de articulação é próximo a boca. Esse gesto é icônico pois faz alusão ao ato de “comer” e é semelhante ao sinal da LIBRAS.

A partir do exposto, podemos analisar que as criações dos gestos caseiros são peculiares aos âmbitos familiares, constatamos que há similaridades nas gesticulações na maioria das famílias, a exemplo citaremos o substantivo “casa”, esse fator estar relacionado a alusão icônica que todos os surdos têm como referência, e é similar ao sinal em libras. A surda da família 02, criou através de sua percepção o gesto caseiro de “casa”, totalmente diferente dos demais, isso comprova que muitos gestos são idiossincráticos. “

Colocaremos em evidência os gestos caseiros referentes ao substantivo “arroz” e “feijão”, criados pela surda da família 04. ⁶

Foto: 41- gesto caseiro *feijão*



Fonte: Santos (2018)

Foto: 42- gesto caseiro *arroz*



Fonte: Santos (2018)

Os gestos caseiros são realizados com as pontas dos dedos, o que diferencia são os movimentos realizados através dos dedos. Na gesticulação que tem como significado “feijão” há a pressão entre os dedos, que representa o feijão amassado, ação realizada no ato do cozimento. Na foto referente a gesticulação do arroz, a surda utiliza os dedos para mostrar o

⁶ Dado apresentado restritamente a F04, pois foi um gesto realizado pela surda após as entrevistas, fato interessante no que concerne às criações dos gestos caseiros no âmbito familiar.

tamanho da pontinha do dedo, após pressioná-la, esse gesto faz referência ao tamanho minúsculo do arroz. Vejamos que há uma busca por significados de modo subjetivo para a criação dos gestos, podemos observar também, a cultura familiar que é refletida através dos gestos.

CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa pesquisa, conseguimos constatar que as famílias fazem uso dos gestos caseiros para se comunicarem com os surdos, devido não terem domínio ou nem sequer saberem o básico sobre a língua de sinais. Assim, as limitações nas conversações estão presentes, visto que, os gestos não possuem recursos linguísticos de uma língua que domine os sentidos de todos os léxicos, nesse caso, existem palavras que os pais não encontram significados para gesticulações.

Outro fator, é a incompreensão na construção de sentido dos gestos, os surdos e seus familiares vivenciam situações complexas, quando há a necessidade de criar gestos, que não estão presentes nas conversações diárias, o sentido perceptivo se dá através das sensações e observações particulares do indivíduo.

Esse estudo vem demonstrar que a dificuldade de se comunicar com a criança surda, passa a ser um fator preocupante para os pais e geram muitas inseguranças. Com isso, há o isolamento, a curiosidade em entender o que está acontecendo em sua volta, os olhares perdidos em meio aos movimentos que são observados através da sua identidade linguística, a viso-espacial, a impossibilidade de usar uma língua comum com seus familiares faz com que o sujeito surdo se detenha de dificuldades interacionais, cognitivas, linguísticas e educacionais (Araújo e Lacerda, 2010)

Além disso, os surdos não apreciam a relação comunicativa através de gestos, há a priorização do uso da língua na modalidade viso-gestual, dessa forma, eles preferem a companhia dos amigos surdos, pois fazem uso da mesma modalidade linguística. Assim, os gestos caseiros passam a ser uma necessidade da família e não do surdo.

A língua de sinais é a língua natural da comunidade surda, sendo imprescindível o uso constante em todos os contextos dos surdos, é reconhecida pela Lei 10.436/2006. É

composta por todos os elementos fonéticos e fonológicos pertinentes às línguas orais, as marcações sintáticas são marcadas pelas expressões faciais.

Por outro lado, os gestos caseiros também são realizados através das mãos com ou sem movimento e podem ser feitas em alguma parte do corpo, ou em um espaço neutro. Sendo assim, os gestos caseiros de certa forma assemelham-se à língua de sinais e podem contribuir no processo de aprendizado de crianças surdas que aprendem a língua de sinais na idade avançada. Porém, não expressa sentimento de pertencimento que contribua para o reconhecimento da identidade surda, bem como, a amplitude nos conhecimentos de mundo do sujeito surdo.

Os resultados pressupostos para essa pesquisa foram totalmente alcançados, as famílias fazem uso dos gestos caseiros para se comunicarem, no entanto, não proporciona uma interação que possibilite ao sujeito com surdez uma relação dialógica significativa. Todos os surdos entrevistados sabem libras, aprenderam na escola e fazem uso em alguns contextos, igreja, com amigos surdos e na escola.

Veloso e Maia (2012), afirma que a Língua de Sinais é capaz de expressar, ideias, complexas, abstratas, poéticas e humoradas, comprovando assim, a amplitude de uma língua que garante aos sujeitos surdos a valorização e o reconhecimento linguístico. Seria necessário que houvesse uma relação efetiva e interativa no uso da LS pelos familiares com seus filhos surdos, pois, esse convívio é importante para que a criança construa sua linguagem e torne-se um sujeito pela apropriação da língua.

As informações obtidas através desse trabalho podem contribuir com futuras pesquisas, a saber: As variações dos gestos caseiros no âmbito familiar; A importância da língua de sinais na relação familiar com o surdo. E, um fator muito importante seria proporcionar aos pais o ensino da Língua de Sinais. Essa ação poderia ser promovida pela instituição escolar junto a Secretaria de Educação e contexto familiar do surdo. Assim, estariam proporcionando ao sujeito com surdez o convívio familiar em que as modalidades linguísticas fossem as mesmas.

Concluimos esse trabalho com a seguinte reflexão de Emmanuelle Laborit – “O Voo da Gaivota”. “Os sinais podem ser agressivos, diplomáticos, poéticos, filosóficos, matemáticos: tudo pode ser expresso por meio de sinais, sem perda nenhuma de conteúdo.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBARES, R.S. S; BENASSI, C. A.; **Comunicação gestual caseira e Libras: semelhanças e diferenças oriundas das necessidades comunicacionais.** Revista Diálogos: linguagem em movimento. Ano III, N. I, jan.jun.,2015
- ARAÚJO, C.M., & LACERDA, C.B.F.. **Linguagem e desenho no desenvolvimento da criança surda: implicações histórico-culturais.** Revista Psicologia em Estudo, 2010
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação Especial. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: República federativa do Brasil: Poder Legislativo,** Brasília, DF, 24 de abril 2002.p. 23.
- BRONZATTO, A. P. S; CRISTINA. M.C. P; LURDES. M. Z; **Mães Ouvintes com Filhos Surdos: Concepção de Surdez e Escolha da Modalidade de Linguagem,** Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2007.
- BATISTA, S.M., & FRANÇA, R.M..**Família de pessoas com deficiência- desafios e superação.** *Revista de divulgação técnico-científica do ICPG,* 2007.
- CEZARIO, M. M.; MARTELOTTA, M. E. **Aquisição da linguagem.** In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2008.
- CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem.** Lisboa: Edições 70, 1977
- FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1995
- GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda-** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GOLDFELD, M. A criança: **Linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista.** São Paulo: Plexus, 2002
- GUARINELLO, A.C., & LACERDA, C. B. F. **O grupo de familiares de surdos como espaço de reflexão e de possibilidades de mudança.** São Paulo: Plexus, 2007
- HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade,** Rio de Janeiro, DP & A Editora, 2004.
- LABORIT, E. **O Voo da gaivota.** São Paulo: Editora Best Seller,1994.
- MAIA, V. & VELOSO, E. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez.** 7.ed. Editora Mão Sinais. Curitiba:2012
- SANTANA, A. P.; **Surdez e Linguagem: Aspectos e implicações neolinguísticas.** São Paulo: Plexus,2007.

SILVESTREN, & SOUZA, R.M. **Educação de Surdos, pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2007.

SKLIAR. C. **Educação & exclusão: abordagens sócio antropológicas em educação especial.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1997

STROBEL, K. L. & FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**/Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial, -Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998

STROBEL, K. L.; **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História.** Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

QUADROS, R. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem,** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

QUADROS, R. M. de & PIZZIO. **Aquisição da língua de sinais.** CCE & UFC- Santa Catarina- Florianópolis: 2011

ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS PARTICIPANTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS PARTICIPANTES

Você está sendo convidado a participar da minha pesquisa relacionada ao meu trabalho de conclusão de curso, sob orientação da Profª. Drª. Francisca Maria Carvalho. A realização desta pesquisa contribuirá para entendermos com mais clareza a Comunicação Gestual Caseira do Surdo no ambiente familiar ouvinte.

Se você se interessar em participar, sua tarefa consistirá em: a) O familiar do surdo responderá oralmente cinco perguntas sobre o seu filho surdo; b) O familiar e o surdo conversarão sobre o determinado assunto, solicitado por esta pesquisadora. c) O familiar e o surdo farão sinais caseiros de uma lista de figuras, solicitadas pela pesquisadora. A seção dura aproximadamente 25 minutos, podendo ser um pouco mais ou menos demorada de acordo com sua velocidade individual.

Não prevemos nenhum risco ou desconfortos relacionados à coleta descrita aqui. Você não estará sendo avaliado nem julgado. Interessa-nos apenas investigar a história do Surdo. Durante a entrevista não será perguntado nada sobre a sua vida pessoal nem serão tratados assuntos controversos ou delicados.

A participação no estudo é voluntária, e você tem toda a liberdade de se recusar a participar ou interromper a coleta de dados, ou ainda retirar seu consentimento em qualquer momento, sem que isso lhe cause qualquer tipo de prejuízo. Esclarecemos ainda que sua participação não implica em nenhum gasto da sua parte ou pagamento da nossa. Sua identidade será mantida em sigilo durante todo o procedimento de coleta, transcrição e análise dos dados, de forma a garantir-lhe total privacidade. Os dados coletados serão apresentados em artigos científicos, congressos, relatórios e outros textos científicos do gênero.

Coloco-me à disposição para prestar esclarecimentos sobre qualquer dúvida que você possa ter com relação à metodologia empregada neste estudo, tanto antes quanto depois da sua execução. Abaixo, deixo as minhas informações de contato.

Caso você deseje colaborar, solicito que assine o presente termo externando o seu consentimento em duas vias, uma das quais ficará com você e a outra ficará comigo. Agradecemos pela sua participação.

Jusiele Miranda Dos Santos


Francisca Maria Carvalho

Nome do voluntário: _____
Idade: _____ Sexo: Feminino () Masculino ()
Telefone e/ou e-mail: _____
Cidade _____, _____ de _____ de 2018.

Assinatura

Orientando:

E-mail:

Telefone:

Orientadora:

Faculdade de Letras – UFPA

E-mail:

Telefone:

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CEP-ICS/UFPA) - Complexo de Sala de Aula/ICS - Sala 13 - Campus Universitário, nº 01, Guamá. CEP: 66.075-110 - Belém-Pará. Tel: 3201-7735 E-mail: cepccs@ufpa.br

aes@yahoo.com.br e fmc@ufpa.br

ANEXO B- DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Declaração de consentimento

Li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que fui informado sobre os métodos do estudo a ser realizado, as inconveniências, riscos, benefícios e eventos adversos que podem vir a ocorrer em consequência dos procedimentos.

Declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro também que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar meu (a) filho (a) deste estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para que meu (a) filho (a) participe deste estudo.

Nome do responsável (em letra de forma)

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do responsável

Data

Atesto que expliquei, cuidadosamente, a natureza e o objetivo deste estudo, os possíveis riscos e benefícios da participação no mesmo, junto ao participante e/ou seu representante autorizado. Acredito que o participante e/ou seu representante recebeu todas as informações necessárias, que foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível e que ele/ela compreendeu essa explicação.

Assinatura da pesquisadora (Graduanda)

Data

Francisca Carvalho

Assinatura da pesquisadora (Orientadora)

Data



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoa maior de 18 anos

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação na pesquisa “**A interação Comunicativa gestual caseira do surdo no ambiente familiar ouvinte**”, referente ao trabalho de conclusão de curso da graduanda em Licenciatura plena- Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará.

Título do projeto: *A interação Comunicativa gestual caseira do surdo no ambiente familiar ouvinte.*

Pesquisadora: *Jusiele Miranda dos Santos*

Orientadora: *Francisa Carvalho*

Objetivos principais:

Entender a relação de comunicação entre o surdo e a família.

Diferenciar os gestos caseiros da língua de sinais.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: na produção escrita do TCC, nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação áudio-visual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos

A pesquisadora fica autorizada a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

_____, ____ de _____ de 2018.

 Assinatura

Nome: _____

RG.: _____ CPF: _____

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto: A interação Comunicativa Gestual Caseira do Surdo no Ambiente Familiar Ouvinte

ATENÇÃO: Este termo de consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações que você não entendeu.

Solicito a sua permissão para que seu (a) filho (a) _____

_____ (nome do participante) participe de uma pesquisa científica realizada pela aluna Jusiele Miranda Dos Santos, sob orientação da Professora Doutora Francisca Maria Carvalho, vinculado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Abaetetuba como requisito à obtenção da Conclusão do Curso Licenciatura Plena em Língua Portuguesa.

Caso permita a participação do seu (a) filho (a), é importante que leia algumas informações sobre o estudo e sobre o papel do participante nesta pesquisa. A participação não é obrigatória e poderá ser interrompida a qualquer momento, caso o responsável pelo participante julgue necessário. A saída do estudo não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador ou com a instituição.

A realização desta pesquisa contribuirá para entendermos com mais clareza a Interação Comunicativa Gestual Caseira do Surdo no Ambiente Familiar Ouvinte. A tarefa consistirá em: a) O familiar do surdo responderá oralmente cinco perguntas sobre o seu filho surdo; c) O surdo fará gestos caseiros de uma lista de figuras, solicitadas pela pesquisadora. A seção dura aproximadamente 25 minutos, podendo ser um pouco mais ou menos demorada de acordo com sua velocidade individual.

A participação na pesquisa não acarretará gasto para você, nem para seu filho, sendo totalmente gratuita. O participante da pesquisa não será identificado quando o material de registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. No entanto, algumas informações obtidas a partir da participação neste estudo não poderão ser mantidas estritamente confidenciais. Além dos estudiosos que estão realizando a pesquisa, agências governamentais locais e o Comitê de Ética em Pesquisa da instituição onde o estudo está sendo realizado podem precisar de consultar os registros. Ao assinar este consentimento, você autoriza o acesso aos registros do seu (a) filho(a).

O material coletado será mantido sob guarda pela pesquisadora graduanda, Jusiele Miranda dos Santos, pelo prazo de cinco anos. Os dados coletados serão utilizados para a presente pesquisa e poderão ser utilizados pela graduanda, em pesquisas futuras. Neste caso, haverá novo consentimento informado a ser assinado pelos responsáveis e o novo projeto será submetido à aprovação do COEP (Comitê de Ética em Pesquisa).

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço das pesquisadoras responsáveis, podendo tirar suas dúvidas sobre o estudo, agora ou a qualquer momento. Caso você tenha mais perguntas sobre este trabalho, favor ligar para o número abaixo. Agradeço antecipadamente a participação.

RESPOSTAS DA FAMÍLIA

RESPOSTAS	F01	F02	F03	F04
01	<i>Eu estava trabalhando e quando eu cheguei a mulher (esposa do seu Américo) falou que ele estava com problema, que problema era? Era problema de surdez, ela chamava ele, e ele não olhava para ela, né? Com aquilo eu fiz uma pesquisa também, chamei ele, ele não me olhou, eu tive que passar para a frente dele, tornar a chamar de novo para ele olhar na minha cara, ele estava surdo.</i>	<i>Aos três anos, [...] depois dela ter pegado a febre. Ela estava com nove meses, aí com três anos que nós descobrimos que ela estava com problema de surdez.</i>	<i>[...]criança de um ano né, até dois anos a gente vê que já quer falar. Mas ela não falava[...]aí eu fui percebendo que tudo era com sinal, se ela queria água, ela mostrava com o caneco, se queria comer ela mostrava com gesto, aí eu fui percebendo né? “Essa menina é surda”</i>	<i>Eu descobri aos meses [...] ela já nasceu surda e muda.</i>
02	<i>Só gestos. [...] para ele tocar a mão, primeiro ele olhava para a gente pedindo permissão, né? Ele olhava a gente fazia aquele sinal que não podia, não era adequado para tocar a mão naquilo, e até hoje muita coisa, até para ele sair... às vezes para fazer alguma coisa, primeiramente ele olha para a gente, para ver se a gente vai fazer dizer sim ou não. Se a gente faz o sinal não pode, “não pode”.</i>	<i>Difícil, foi muito difícil, eu achava que ela tinha a língua “pregada”, que ia demorar para falar, ela apontava para as coisas. Só com três anos que descobrimos que ela era surda. Depois, eu fui mostrando as “coisas” para ela e dizendo o nome, eu não sabia como dizer em gesto o que era aquilo. Foi difícil.</i>	<i>Foi muito trabalho que eu tive [...] eu fazia de tudo para ela não chorar, porque ela não escutava para ouvir se a gente estava agradando né, prometendo alguma coisa...foi muito difícil.</i>	<i>Era bem difícil começo, a partir de um ano, ela mesma começou a mostrar os gestos caseiros, doía o ouvido ela falava a cabeça, barriga, perna, tudo assim.</i>
03	<i>Olha, a surdez ela é uma deficiência, inclusive ele recebe um benefício, através dessa surdez dele né?</i>	<i>É uma deficiência. É sim, uma deficiência.</i>	<i>[...]é uma deficiência, porque a gente vai num canto, olha ela tem prioridade em certos lugares que a gente vai, se for fazer um documento, ela tem prioridade, qualquer coisa.</i>	<i>Olha, eu acho que são exemplos para muita gente que falam e ouvem [...] o benefício é muitas vezes tocado com a inteligência que eles têm, que o que falta que ele tem, que o que falta que ele não tem.</i>

04	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>
05	<i>Seria bom, eu saberia conversa melhor com ele, conversaria mais. Seria mais fácil, até conversaria com os amigos dele que é surdo.</i>	<i>Aqui tinha um professor que vinha dá aula[..]Eu ainda fui tentar aprender, mas era muito difícil. Sim, tenho vontade de aprender. Eu fico curiosa para saber o que eles estão conversando.</i>	<i>Não. Parece que é difícil né? Queria não.</i>	<i>Sim. Mas a Libras não é fácil. Já tentei aprender mas não consegui.</i>
06	<i>Só os sinais (gestos)</i>	<i>Normal, conversando assim com gestos caseiros. [...] nem tudo ela entende, as vezes eu tenho que explicar várias vezes até ela entender.</i>	<i>É com os gestos caseiros, se eu for sair de casa. Aí se eu sair de casa, se eu fizer o sinal para ela, ela entende, eu faço o gesto para ela olhar as minhas coisas, para ela trancar a casa, tudo isso ela entende. Aí se a senhora chegar e perguntar de mim, ela sabe dizer para onde é que eu estou, para onde eu não estou. Cada pessoa da família ela criou um gesto para dizer quem é, e todo mundo sabe aqui.</i>	<i>É os gestos caseiros todos usamos os gestos caseiros</i>
07	<i>É muito difícil a gente conversar Ele, ele aqui dentro de casa, “amodo” que está com uma revolta, sai de manhã vai para o colégio, quando 11:30 ele está em casa, aí ele almoça, aí quando ele não tem aula de reforço né, acaba de almoçar e “tchun”, vai para o quarto dele, ele abaixa o mosquito dele, pode ser o solzão que tiver.... Aí quando ele sai lá de baixo quatro horas, 04 e trinta as vezes já comprei pão, o café está pronto (o café da tarde é ele que faz) ele só merenda, quando sai daqui é só de uma vez, vai para a</i>	<i>Converso, converso. Mas tem coisa que nem ela, nem eu entendo (risos).</i>	<i>Não, é pouco. Ela não gosta muito de conversar, só o necessário.</i>	<i>Sem resposta</i>

	<i>bola quando ele chega é dez horas ou onze horas da noite.</i>			
--	--	--	--	--

APÊNDICE- FOTOS COM AS FAMÍLIAS

Foto: 01 Família 01- Fonte: coleta de dados Família 02- Fonte: coleta de dados



Foto: 02 Família 03 - Fonte: coleta de dados

Família 04- Fonte: coleta de dados

